

DOIS AUTORES EM BUSCA DE PERSONAGENS: A RELAÇÃO, O CAMPO, A HISTÓRIA

Antonino Ferro*, Pávia

O autor trata de descrever como, na atualidade da relação analítica, verifica-se a construção de micro histórias, verdadeira expressão do funcionamento mental do par analítico em seu trabalho. Depois de resenhar brevemente as teorias narratológicas sobre o personagem, o autor descreve o estatuto deste último no âmbito de diversos modelos analíticos, especialmente no que diz respeito ao personagem da sessão entendido como um "holograma afetivo" do par. O ensaio é concluído com uma breve discussão sobre o valor da História construída junto com o paciente.

"Qual a história a contar?"

(W.R. Bion, Seminários Clínicos)

Este trabalho tem início com algumas situações clínicas que, espero, dar-me ão condições de animar diretamente o modelo teórico sobre o qual apóio meu trabalho, além de funcionar como ponto de partida para a discussão dos pontos chave desse modelo. A guisa de introdução, lembro que Pierloot (1987), referindo se por sua vez à obra de Pirandello Seis personagens em busca de um autor, sugeria que o analista fosse considerado um autor capaz de criar uma história de vida dotada de um sentido que integre o passado e o presente do paciente. Parto desse ponto, procurando mostrar como é possível ocorrer a construção de tal história no aqui e agora. A inversão do título da obra de Pirandello é que dá o tom à leitura destas páginas: meu objetivo é demonstrar o trabalho realizado pelas mentes do analista e do paciente para encontrar modos e meios de comunicar se: dentro dessa óptica, os personagens da sessão apontam para o modo de funcionamento assumido pelo campo (Baranger, 1961 62, 1983), do ponto de vista do paciente (Bion, 1983): toda a minha atenção está voltada para apreender de que maneira os personagens se animam, como eles se transformam e qual seu estatuto na relação.

1. Mapa de um modelo

Eu gostaria, agora, de mostrar ponto a ponto os caminhos e interseções quase os pressupostos desse modelo, esclarecendo, para retomar a distinção postulada por Mitchele (1988) entre dois modelos fundamentais em psicanálise o intrapsíquico e o relacional, que é neste segundo que me reconheço.

a) Da decodificação de significado à construção de um sentido afetivo

Marco é um menino de oito anos; em nosso primeiro encontro faz imediatamente um desenho, todo ele em branco e preto, sem cor alguma. Marco também me parece "apagado" em seu terno cinza, de gravata. Sinto me um tanto desorientado. Tenta me a "oralidade devoradora" do tubarão e outros possíveis significados simbólicos, mas sou contido pela idéia de que tais intervenções não fariam mais que aumentar minha sensação de estar desorientado. Guiado por esse penoso sentimento de desorientação, penso que se nos encontrássemos, se estabelecêssemos um contato, já seria alguma coisa; digo lhe que o desenho me parece adequado a nossa situação, já que na verdade pouco sabemos um do outro, assim como no desenho é pequena a parte acima da superfície da água, enquanto a parte submersa tem muitas coisas, tantas como as que temos a descobrir. Nesse ponto, em resposta a meu comentário, Marco acrescenta ao desenho o mergulhador e o navio. Já posso dizer lhe que tenho a impressão de que uma aventura está começando, uma aventura com muitas descobertas pela frente. Olhando para o navio, acrescento: "Talvez aqui haja um tesouro", pensando, a nível consciente, em alguma coisa escondida no navio. E Marco quem dá mostras de ter reconhecido a implicação afetiva de minha frase: fica animado de repente; colore, decidido, todos os animais, elabora um semáforo que, com a alternância da sinalização vermelha ou verde, haverá de indicar me se as hipóteses que irei propondo estão ou não corretas... Fico assombrado, e não só pela conversão para tecnicolor de nosso filme de aventuras como também pela inversão de ponto de vista que ele me sugere no que diz respeito ao tubarão: trata-se de alguma coisa que procura sair, libertar se, embora ainda aprisionada pelo tubarão... Visto assim, o desenho funciona como um fotograma onírico (Meltzer, 1982; Bezoari e Ferro, 1990) do instante relacional, que se altera com as mudanças do estado mental e emocional do par analítico.

b) O personagem: de ancoragem referencial(1) a pictograma afetivo(2) do funcionamento de par analítico

Renato, menino de cinco anos, em nossa primeira sessão, quando me vejo sozinho com ele na sala de análise, faz se pensar de repente num pequeno bisão, com seu trotar ininterrupto, inestancável, veloz, pelo aposento, como se aquela correria fosse a atuação digo para mim mesmo de uma abstinência muscular. Nada que eu possa dizer lhe tem qualquer efeito sobre sua corrida, seja qual for o nível de minha fala. Ao contrário, o fato de eu falar parece atijá lo, como se minhas palavras fossem esporas, às quais reage pegando cubos de madeira e jogando os em mim, com o risco de atingir me e machucar me. Experimento dizer lhe que estou me sentindo um cowboy cercado de índios, a trocar tiros. Mas nada consegue fazê lo parar. O perímetro de sua corrida inclui também a sala de espera: de cabeça baixa, continua a galopar. Começo a pensar que seria necessário uma cerca para retê lo e sinto me tentado a segurá lo fisicamente, pelo menos dentro dos limites da sala. Em lugar de fazê lo, mantenho me sentado em meu lugar desenhando uma cerca em uma das folhas preparadas para ele. Ele estaca, mais curioso que interessado. Pega por sua vez um lápis e diz, fazendo duas grandes marcas dentro do perímetro da cerca: "E eu quebro, quebra essa cerca", e desenha uma espiral vermelha. Digo lhe que aquilo parece um vento, um furacão, ou quem sabe Nuvem Vermelha, que quebra tudo quanto é cerca. Ele permanece imóvel e responde: "Desenhe mais cercas!". Faço o que ele diz, perguntando me se aquela seria uma atuação de minha parte e ao mesmo tempo tentando desesperadamente pensar. Renato quebra as cercas com o mesmo parafuso colorido. Digo lhe que aparentemente não há barreira capaz de contê lo. Continuo desenhando cercas e, no interior de um perímetro, desenho algo semelhante a uma mesa. Ele, com uma caneta hidrográfica vermelha na mão, aproxima se da parede e desenha "uma cabana de índio" num azulejo. Digo: "Um lugar para Nuvem Vermelha".

Em minha folha de papel desenho uma cabana, um menino índio e uma espiral de vento (enquanto isso, penso no modo como Renato, em seu trote, derrubou pelo chão não apenas o conteúdo da caixa como também cadeiras, cubos, lápis, etc. A sala

parece um campo de batalha. Penso também em como sua mãe me contou que nas freqüentíssimas crises pantoclasticas de Renato a única coisa que o acalma são "os desenhos animados"). Ele se aproxima e, utilizando como papel não mais o azulejo, mas a superfície da mesa, desenha por sua vez um menino índio que recolhe tudo o que cai de um cesto cone a ajuda do amigo caranguejo dos braços que beliscam sem doer... Continua o desenho... Mas enquanto os dois amigos trabalham juntos, alguém atira neles... Chega um outro ciclone... A sessão prossegue... Mas agora dispomos desses "personagens" que criamos juntos em nosso desenho animado, através dos quais podemos nomear e fazer uma história de tudo o que se passa no aposento e entre nossas duas mentes, pressuposto necessário para o reconhecimento, a narração e a transformação das emoções e dos afetos.

c) O working through como sede da assimetria e da dependência

Marco, de nove anos, no início da sessão desenha para mim um avião, um avião militar, e o descreve enquanto vai desenhando os detalhes; depois começa a colori-lo. Fico imaginando o que estará a dizer-me aquele avião, como posso pensá-lo e interpretá-lo, mas afora interpretações baseadas em uma lógica conteudística de leitura, cuja comunicação não me parece trazer contribuição alguma, nada me ocorre; em seguida sou tomado por uma sensação de mal estar ao ver os riscos feitos sobre o avião para dar-lhe um colorido de camuflagem, e penso: "Parecem rachaduras na carlinga, nas asas! Num avião com essas rachaduras eu não viajaria...". Só nesse momento recorro a uma incontinência interpretativa da sessão anterior, quando eu não fora capaz de "guardar dentro" uma coisa que precisava de mais tempo para poder ser dita sem provocar efeitos traumáticos em Marco. Associo os dois fatos e penso que Marco está a falar-me da forma como, estando ainda tão no início de nosso trabalho, sente rachar-se nosso "meio de comunicação", e de como, ao mesmo tempo, está procurando camuflar, encobrir até para si próprio essa crise de confiança.

Decido que isso tudo não pode ser diretamente comunicado a Marco, pois seria "muito", relativamente às atuais capacidades digestivas de sua mente. Penso que, se continuar a segui-lo em seu texto narrativo no qual se manifesta agora um conflito entre dois grupos rivais, devo ter condições de recuperar a situação mental, e portanto interpretativa, que me permitirá reparar as rachaduras da confiança... Percebo ao mesmo tempo a existência de um problema de "impulsividade" que eu atuara assumindo as identificações projetivas de Marco, ou melhor, as identificações projetivas de suas partes incontinentes, que, associando-se às minhas, haviam provocado a atuação interpretativa... Essas partes estavam agora em conflito com as funções do pensamento... No texto elaborado com Marco falamos de um conflito entre um exército violento e impulsivo que investe irrefletidamente, e um exército regular, bem organizado, capaz de "pensar" antes de transformar os planos em ação.

As primeiras reflexões que eu gostaria de propor neste ponto dizem respeito à importância da identificação projetiva, entendida de modo fortemente relacional (Bion, 1959, 1962; Ogden, 1979; Manfredi, 1985; Di Chiara, 1985), enquanto algo que possibilita um intercâmbio contínuo de elementos emocionais, os quais irão encontrar pouco a pouco, na possibilidade de acesso às palavras, uma modalidade privilegiada de expressão. As identificações projetivas estabelecem o código emocional específico e subterrâneo do par analítico, que em seguida deverá encontrar a capacidade de narrar com sonhos, desenhos, casos tudo o que estiver ocorrendo nas profundezas do intercâmbio relacional. Naturalmente, a história contada deve ter o limite de ser uma história "sonhada" (3) a partir da comunicação (seja qual for a forma que esta assuma) feita pelo paciente, do contrário teríamos uma invasão e uma subversão da comunicação do próprio paciente (Di Chiara, 1983; Ferro, 1987); as micro histórias do aqui e agora devem encontrar, como veremos mais adiante, uma organização própria na História que depois será possível partilhar com o paciente (Meotti, 1991).

Os Baranger (1961-62) já haviam formulado a idéia de que existe um intercâmbio contínuo e entrecruzado de identificações projetivas a estruturar o campo analítico percebido como "campo bipessoal" e abrangendo inclusive o nível manifesto e o contrato. O conceito de campo amplia notavelmente o de relação, no sentido de que muitos fatos podem ser percebidos como "soltos no ar", não saturados, à espera de identificação antes mesmo de serem veiculáveis na relação, que passa a ser uma das "funções" do campo. Desse modo cria-se uma situação intermediária na qual podem viver e criar forma cenas e emoções que, não fora isso, teriam ficado aprisionadas numa explicitação relacional prematura. O conceito de relação é entendido muito diferentemente do de transferência (Bezoari e Ferro, 1990) esta última percebida seja como repetição, seja como externalização do mundo interno. A relação seria aquele "algo" novo, único, que diz respeito à especificidade do funcionamento daquele par analítico. A transferência, ou, melhor dizendo, as transferências (4), tenderão constantemente a utilizar vias subterrâneas para integrar-se à atualidade do funcionamento de par, e serão elas a tornar necessária a elaboração que haverá de permitir uma união criativa fértil, numa contínua oscilação transferência-relação.

A interpretação não é considerada algo comparável a um código, algo que permite a extração de um significado (risco que ameaça freqüentemente o modelo kleiniano, com suas referências constantes à fantasia inconsciente do paciente); a interpretação é a proposta de um sentido sempre não exaustivo, um sentido em vir - a ser, como diria Bion, um sentido não saturado, que extrai das emoções do par analítico o impulso para significados novos, mais complexos e mais articulados, que veiculam afetos. Diferentemente dos Baranger (1964, 1983), que postulam a necessidade constante de apreender o ponto de emergência da angústia diversas vezes na mesma sessão, com o "segundo olhar" do analista funcionando como fiador dessa operação, compartilho com Bion (1987) a opinião de que são necessários sucessivos trânsitos e transformações antes que se tenha condições de colher aquilo que será comunicável através de interpretações "seis sessões (...), seis meses (...), seis anos mais tarde". Os personagens (tanto faz a porta pela qual eles entram na sessão) atestam a "lavra" operada pelas duas mentes sobre as recíprocas identificações projetivas e são o modo através do qual essas mentes podem comunicar uma à outra, através de imagens e histórias que podem ser partilhadas, tudo o que se passa entre elas: nesse sentido os personagens decorrem da necessidade que tem o texto relacional de exprimir emoções e afetos. Vejo a interpretação como algo construído "a duas vozes", um fruto da relação 9-6, da qual as duas mentes irão participar cada uma a sua maneira. As intervenções do analista terão uma potencialidade semântica altamente não-saturada, que poderá permitir uma contribuição ativa por parte do paciente. Foi nesse sentido que me referi a "interpretações fracas" extrapolando esses termos das temáticas filosóficas do "pensamento fraco" (Vattimo e Rovatti, 1983), em comparação com as "fortes", exaustivas, que determinam a ocorrência de uma cesura (Bezoari e Ferro, 1989).

O local da assimetria, a tão enfatizada dependência do paciente, desloca-se para o working through do analista: para a tarefa contínua de assumir, transformar e "nomear" (no sentido de dar um nome) as identificações projetivas do paciente, de modular as interpretações, de escutar o modo como são recebidas as próprias intervenções (Nissim, 1984), de perceber os personagens presentes na sessão sob a forma de respostas verbais do paciente, e de assumir responsabilidade por tudo o que for atinente ao campo, inclusive a contratransferência. Dentro dessa óptica, o analista depende da capacidade de funcionamento mental do paciente e deve fornecer-lhe, já "lavrados", os elementos de crescimento de que necessita; ao mesmo tempo, o paciente dependerá da capacidade elaborativa e de rêverie do analista. A tarefa do analista será, "protegendo o dos próprios" (Di Chiara, 1983; Ferro, 1987; Nissim, 1984), transformar os elementos beta oriundos do paciente, assumindo-os, digerindo-os, narrando-os e proporcionando condições para que ocorra um autêntico processo de simbolização.

Tentemos, no entanto, rever como tudo isso funciona com pacientes adultos, privilegiando certos aspectos que posteriormente, espero, virão esclarecer este modelo.

d) A textualidade(5) da interpretação e a transformação narrativa dos elementos - beta

Carla, estudante universitária de nacionalidade suíça, filha de emigrantes italianos, adolescente, já na primeira semana de análise aciona em mim a seguinte fantasia: que num plano profundo ela se vê como um rapaz que, enquanto tal, quando tem uma relação sexual com um homem, tem na realidade uma relação homossexual. Fantasia que, obviamente, não comunico, mas que encontra uma primeira confirmação com a entrada em cena de um amigo homossexual. Para mim essa fantasia terá o sentido de sinalizar uma união 6 6, de nossas mentes, substituída por um funcionamento 6 9, todas as vezes que aceito uma posição 9, consubstanciada na plena receptividade às palavras de Carla, na plena assunção de suas identificações projetivas e na aceitação de um mínimo registro interpretativo, executado apenas através de ajustamentos dos "personagens" que ela introduz na sessão (bem como das relações entre esses personagens). Certo dia, depois de anos de trabalho e ao aproximar-se a data de seu casamento com um noivo junto ao qual pouco a pouco ela vai redefinindo seus papéis afetivos e sexuais, Carla demonstra a abertura e a disponibilidade de um espaço interno realmente acolhedor ao dizer que não se sente mais capaz de ficar na análise contando histórias de outras pessoas, como se estivesse no teatro; que em vez disso sente necessidade de mudar o estilo de seu relato, passando a exprimir-se como num diário íntimo. Data justamente dessa época uma declaração explícita de Carla: "Resolvi furar as orelhas".

Num segundo evoco o narcisismo de Carla, sua dificuldade para escutar minhas palavras, o problema da indiferenciação sexual (o tempo em que ela dizia: "Lá em casa dizemos traseiro da frente e traseiro de trás" para indicar os genitais e o traseiro; tempo esse em que até em nossa relação havíamos sido "il culo(6) da frente e il culo de trás", numa união estéril); depois penso no fato de que agora ela me está dando provas de uma nítida diferenciação no sentido da feminilidade e de uma capacidade receptiva, antes experimentada invariavelmente como persecutória; penso no seu antigo fechamento a toda e qualquer interpretação e na reviravolta assinalada por sua declaração de que agora iria abrir as orelhas a minhas palavras e aos próprios sentimentos. Como resposta, decido demonstrar, através do tom e do calor de minha voz, a satisfação que me proporciona sua comunicação, dizendo-lhe simplesmente: "Quer dizer que finalmente você vai poder usar muitos belos brincos de orelhas". "E, desde que sejam de ouro, senão minhas orelhas inflamam", diz ela. Quando digo "brincos de orelhas" penso na capacidade recém adquirida de pendurar minhas palavras a suas orelhas, e no reconhecimento de um espaço interno receptivo em Carla.

e) O paciente "melhor colega" e a "função de monitoramento"

Marina tem uma capacidade toda especial de descrever, em termos imediatamente compreensíveis, momento a momento, o modo como percebe os acontecimentos. Se demoro um instante para abrir a porta, dá início à sessão dizendo: "Quando eu chego em casa, Sara (a filha de poucos anos de idade) não vem correndo ao meu encontro; primeiro acaba a brincadeira". Se concordo com o que ela diz através de sons de assentimento, comenta: "Conheço uma menina que entende tudo muito bem, só que não fala... enrola tudo o que diz, não dá para discernir as palavras"; se demoro a corresponder a sua expectativa de resposta, observa: "Hoje Sara estava dormindo; deixei que dormisse, assim quando acordar vai estar com mais disposição para brincar, depois do descanso". Se demoro a acolher um estado emocional seu, reclama: "O médico chefe ficou irritado com a secretária porque ela deixou na sala de espera uma senhora que tinha uma consulta importante". Se enveredo por discursos colaterais, deixando de acolher suas emoções e não me mostrando totalmente permeável a suas identificações projetivas, diz: "Hoje o médico chefe não foi. Foi jogar tênis".

As duas vinhetas clínicas citadas por último também evocam algumas reflexões. Elas propõem uma abordagem para a escuta que implica plena receptividade no que diz respeito a uma função de monitoramento do campo (como a definiu Meotti (1991)), ou seja, de atenção às transformações das figuras do diálogo analítico. Essa abordagem dá condições ao analista de ver-se a si próprio, bem como ao paciente, a partir do ponto onde está situado o paciente, e ao mesmo tempo de evitar reduzir todas as operações e interpretações na relação, permitindo o uso direto dos "personagens evocados" como peças móveis sem perder de vista seu pleno significado relacional.

Além disso, a "textualidade" da interpretação garante que a totalidade do derredor semântico proposto pelo paciente seja assumida; ela decorre do reconhecimento de que o pressuposto para a ocorrência de toda e qualquer simbolização é a real operação de alfabetização dos elementos beta do paciente: se a decodificação de significado pode fazer (ou ter feito) sentido para as partes neuróticas da personalidade, para as partes psicóticas somente uma real operação de alfabetização poderá permitir sua transformação. E é justamente o paciente quem nos descreve continuamente até que ponto isso ocorre ou deixa de ocorrer. O paciente nos relata constantemente como somos para ele a partir de ângulos totalmente desconhecidos para nós; ao mesmo tempo, porém, é preciso que reconheçamos que ele nos coloca na posição de permitir que "seu" problema entre em seu campo exatamente através de nós. Quando funcionamos com boa disponibilidade e permeabilidade somos excelentes em nossa função de assumir, freqüentemente interpretando-as, as identificações projetivas do paciente. Sejam quais forem as formas que assumam essas identificações projetivas, elas nos são comunicadas pelo paciente (Barale e Ferro, 1992; Ferro, 1991). Os personagens que exprimem e comunicam tudo isso podem, por sua vez, ser "contratados" por diferentes mundos: o das lembranças infantis, o dos fatos atuais, o do sonho, o das fantasias e assim por diante. Claro, o ângulo de autoreferencialidade do campo não pode ser visto o tempo todo como sendo o único, pois nesse caso teríamos uma situação que se enroscaria esterilmente sobre si mesma. No entanto, deve ser possível realizar-se uma contínua oscilação dos ângulos de escuta, da história, do mundo interno, das fantasias e do ângulo que considero, dentre todos, o mais privilegiado, o mais específico e o de maior consistência psicanalítica: a escuta de tudo o que o paciente diz (ou não diz) como algo que narra continuamente o que está sucedendo entre as duas mentes que realizam a sessão, ângulo que devemos partilhar se quisermos chegar até o paciente, lá onde ele está.

O analista deve orientar-se especialmente no que diz respeito aos personagens através de uma hierarquia de códigos simultaneamente ao trabalho (Hamon, 1972). Outra oscilação é a que diz respeito à alternância entre um olhar abrangente e outro focalizado: trata-se do jogo de luzes diferenciadas capaz de iluminar ora o campo em seu conjunto (e portanto os movimentos resultantes da interação da grupalidade interna do par analítico, os personagens da sessão à medida que entrem em cena, movam-se, manifestem-se, saiam, transformem-se), ora um dos pares analíticos ou das relações de campo vistas naquele momento como as mais significativas: esta última possibilidade provocará uma cisão e a transformação de todos os fenômenos relacionais de campo, que passarão a agregar-se diferentemente.

2. O estatuto do personagem

Talvez fosse útil neste ponto resenhar brevemente os desenvolvimentos da narratologia no que diz respeito ao conceito de "personagem". Pretendo com isso demonstrar o que me pareceu ser uma evolução paralela entre os modelos narratológicos e os modelos psicanalíticos no que diz respeito, justamente, à natureza e ao significado do personagem. Para não entrar de forma incauta em territórios que não são de minha competência específica, irei limitar-me a destacar uma linha de desenvolvimento que me parece inquestionável.

Uma primeira geração de estudos narratológicos diz respeito à análise do personagem do ponto de vista psicológico, ou seja, estuda o caráter do personagem como se este fosse uma pessoa viva, com densidade emocional própria. Dentro dessa concepção, o texto é uma sucessão de encontros e interações entre personagens, cada um com particularidades próprias. Num segundo grupo, muito extenso, eu incluiria todos os autores que se colocam fora do texto, do qual tiram as regras gerais de funcionamento; a mesma óptica rege o estudo da função do personagem no texto, as variantes das estruturas narrativas e as regras do relato. Para mim, um terceiro grupo abrangeria os estudos que consideram o texto e decorrentemente os próprios personagens como algo que nasce na interseção entre texto e leitor, com este último participando da construção do texto e do personagem e da atribuição de significado aos mesmos(7).

Este último ponto de vista é desenvolvido por Hamon (1972), que afirma que o personagem é ao mesmo tempo uma construção do texto e uma reconstrução do leitor; que ele é sempre, em grau variado, um espaço em branco, um "assemantema", não catalogável como tendo um sentido já determinado: só gradualmente o leitor terá condições de conhecer o sentido daquele nome ou daquele personagem, sentido esse que ele próprio contribuirá para construir. A semantização depende do conjunto sistemático da história, das relações dos leitores com todos os personagens da história propriamente dita, da competência intertextual do leitor (Eco, 1979) e dos mundos possíveis ativados na leitura (Eco, 1962), em contínua interação com os "direitos do texto" (Eco, 1990).

Estas breves referências narratológicas me ajudam a tentar empreender uma descrição do "estatuto do personagem" de acordo com três diferentes modelos psicanalíticos(8): o estrutural, o kleiniano e um terceiro, que eu definiria como "relacional, não saturado", que é aquele que eu gostaria de tentar definir. No que diz respeito aos primeiros dois modelos, a referência são dois artigos da coletânea editada por Rothstein (1985) com o objetivo de mostrar em detalhe a diversidade de concepções dos modelos da mente. Para o modelo estrutural, meu ponto de referência será exclusivamente o artigo de J. A. Arlow, sempre em Rothstein (1985), sem levar em consideração o grande número de nuances e acréscimos a tal modelo presentes em outros autores.

No modelo proposto por Arlow os personagens de um sonho, por exemplo, representam um pensamento ou uma atitude em uma discussão que está tendo lugar na psique do paciente. O papel do analista é mediar as diversas vozes em conflito, permitindo que cada uma delas possa continuar sendo ouvida. Os personagens a que se faz referência no decorrer da sessão são semelhantes aos personagens reais externos (personagens referenciais) a quem se faz referência (por exemplo o irmão mais velho), e representam uma ocasião (ou um motivo) para a expressão de conflitos relativos a esses personagens conflitos históricos, que na transferência terão oportunidade de ser reeditados e resolvidos. As coisas de que fala o paciente não são, por sua vez, personagens do discurso do paciente, sendo vistas como objetos concretos em torno dos quais giram ou se desencadeiam os conflitos.

Assim, "as peças do vestuário do pai" que embora não sendo usadas continuam sendo guardadas, aparentemente podem ser pensadas como as peças reais (da realidade externa) do vestuário do pai, e os conflitos que ocasionam dizem respeito ao pai e às relações com o pai... Elas não são pensadas, por exemplo, como relacionadas à forma como o paciente usa ou deixa de usar as palavras do analista... Ou com as diversas modalidades como a função filho do campo usa ou deixa de usar aquilo que provém da função geradora de sentido (pai) do campo; ou seja, não remetem às interconexões do funcionamento mental do par analítico tal como este é revelado através de narrativas que às vezes também utilizam personagens não necessariamente antropomórficos funcionando como os nós de uma rede narrativa.

No que diz respeito ao modelo kleiniano, meu ponto de partida é o artigo de Segal, sempre na coletânea de Rothstein (1985), modelo que na realidade é denominado modelo Klein Bion, embora este último contribua apenas com certas formulações teóricas. No trabalho de Segal menciona-se repetidamente a fantasia subjacente que aparece como o verdadeiro "herói", no sentido narratológico de protagonista com maior intensidade emocional. Partindo desse ponto de vista, tenho a impressão de que os personagens da sessão podem ser decodificados, num sentido não específico "àquela" relação, e entendidos como uma expressão de fantasias inconscientes. O destino da fantasia inconsciente com tal nível de intensidade é o de ser explicitada na interpretação da transferência: apresentam-se personagens com variados aspectos que, uma vez decodificados, tornar-se-ão visíveis em sua essência de fantasia inconsciente. Não há "invenção" de uma "história", mas descrição, interpretação de fantasias que pertencem ao paciente e a seu mundo interno.

Se, depois, um paciente sonha que a própria mente era invadida por milhões de calculadoras eletrônicas, o modelo kleiniano permite que se interpretem aqueles milhões de computadores como as interpretações recebidas ao longo de anos de análise, mas aparentemente não nos permite a "ousadia" de partilhar essa comunicação como uma maneira de ver do paciente relativa à forma como este vivenciou um automatismo nas interpretações: a raiz das palavras do paciente é buscada em sua fantasia inconsciente projetada, que com seu sêmen e seus filhos teria invadido o mundo. Nesse modelo, as fantasias que se haviam estruturado no paciente são sempre mobilizadas na transferência, e dessa maneira tudo o que era intrapsíquico torna-se interpessoal (Segal, 1985).

Desse modo, os personagens da sessão podem transformar-se em objetos internos do paciente projetados no analista, que se transforma em tela para essas projeções e em intérprete delas, apoiado basicamente em uma teoria muito "forte".

Em seguida passo a considerar o modelo relacional não saturado, cujas raízes mais profundas encontram-se, a meu ver, nos Baranger e em Bion, mas que criou novas raízes e deu origem a novas linhagens em numerosos trabalhos recentes de autores italianos (Nissim, 1984; Gaburri, 1987; Di Chiara, 1989; Vallino, 1990; Corrao, 1986, 1987; Costa A., 1990; Leonardi, 1987; Robutti, 1990). De acordo com esse modelo, as duas mentes que participam da sessão têm necessidade de dizer-se, de contar uma à outra o que se passa entre elas, principalmente tudo o que ocorre num nível profundo, no jogo cruzado das identificações projetivas. Os personagens, não necessariamente antropomorfizados (eles podem ser, por exemplo, Dente e Gengiva), permitem a construção de histórias e casos, desenvolvendo hologramas(9) do funcionamento de par. A situação do diálogo analítico (Nissim, 1984) é muito mais complexa em seu momento gerador que a de autor e leitor, porque nela encontramos duplicada a situação de leitura de um texto descrita por Todorov: relato do autor universo imaginário evocado pelo leitor relato do leitor; a razão disso é que temos diante de nós dois autores ocupando simultaneamente a posição de leitores; ou, como diria L. Nissim, presenciamos a uma sonata a quatro mãos na qual os temas afetivos (do par analítico) devem ser incessantemente introduzidos, reintroduzidos e transformados.

Nessa perspectiva, o personagem assume a particularidade de holograma afetivo de um funcionamento do par analítico, com a característica de uma extrema mobilidade. As emoções do par fornecem cores e tons e as palavras têm funções de agregação e organização a tal ponto que delas derivam formas e estruturas: essas figurações narrativas afetivas, que mudam com as alterações da situação relacional, são a única forma que têm as mentes de descrever tudo o que se passa entre elas. Fascinante, então, é acompanhar a entrada na sessão de um "personagem", sua movimentação, suas alterações, sua saída de cena, para ver entrarem seu lugar (ou por vezes somar-se a ele) um outro personagem (pertencente a um caso, uma recordação, uma história ou um sonho: tanto faz), sempre dando forma, cor, reconhecibilidade e narrabilidade a tudo o que ocorre no funcionamento emocional profundo do par naquele momento. Diversos modelos interferem (interagem), embora de modo muito variado, relativamente a esses "quadros vivos da sessão".

O modelo proposto permite que o analista se responsabilize pela própria vida mental e dela tome consciência: que perceba o modo como esta se apresenta na estruturação do campo emocional, afetivo e lingüístico com o paciente e o modo como encena, com uma história dentre as inúmeras possíveis, aquela, única e irrepitível, derivada daquele encontro em particular, com todos os seus enriquecimentos criativos e mutilações específicas: isso é válido para o decorrer de toda a análise e para cada uma de suas subunidades. É o caso de perguntar-nos: "Qual minha participação em tudo o que se vai estruturando no campo?", sempre sabendo que o fluxo de influência é recíproco: não é só o analista que influencia o paciente, mas este, por sua vez, também influencia o analista, numa circularidade não apenas do "diálogo analítico", como diria L. Nissim, mas também e sobretudo na troca contínua e recíproca de identificações projetivas que estruturam o diálogo das emoções de que as palavras são a figuração.

Entretanto, nem todo o nível intertextual ou melhor, subtextual poderá ser interpretado para o paciente; desse ponto de vista a sessão inteira não passará de um sonho de contratransferencial(10) que ajudará o analista a ajustar o próprio passado mental e interpretativo (Barale e Ferro, 1987) com o objetivo de identificar as funções específicas de que o paciente tem necessidade. Mais que para operar decodificações do significado, as narrativas do par por intermédio dos personagens servirão para transformar as emoções subjacentes e permitir novas aberturas de sentido.

O par analítico, quando observado do ângulo que considero dentre todos o mais significativo, fala apenas e sempre de si mesmo e do funcionamento recíproco; todos os outros níveis possíveis, que, a partir de outros ângulos, é óbvio e necessário que existam (fantasias "do paciente", mitos da história, fatos reais da história, etc.), têm plena validade, inclusive porque desempenham uma função terciária com respeito ao par, mesmo que essa mesma função já seja desempenhada pelo setting e pelos "personagens" da sessão. A esse respeito, não posso deixar de lembrar tudo o que já foi dito quanto à necessidade de acionar uma hierarquia de códigos (e de modelos?) simultaneamente a nosso trabalho, para a ajudar nos na compreensão da sessão.

3. Narrativa e história

A "História" (compreendida ao mesmo tempo como história referencial e como história do par) funciona como garantia de dualidade e, se por um lado ela é o depósito (mítico) que alimenta a transferência, por outro é o local onde a mesma, transformada pela relação, torna a depositar-se, reestruturando a continuidade mítica que está na base do sentido de identidade. Tal como as cisões e os "personagens" atendem à necessidade de espacializar os afetos e os eventos psíquicos, do mesmo modo a História, autêntica atividade distributiva dos afetos sobre o eixo do tempo, permite que se deem fatos mentais e emocionais. Também para o analista, a História funciona como um depósito onde é possível deixar decantar e sedimentar acontecimentos psíquicos da atualidade excessivamente carregados de implicações relacionais e contratransferenciais ainda não evacuadas: é isso o que acontece toda vez que dizemos ao paciente: "Sua relação com sua mãe era assim e assim", deixando de buscar onde, na atualidade, sem que tenhamos conhecimento, está ativo aquele tipo de funcionamento. Não por acaso até Miguel Strogoff teve necessidade de apresentar-se cego para poder continuar a ver.

Referimo-nos a uma História verdadeira do ponto de vista afetivo e, como tal, passível de ser continuamente retocada e transformada (como nos lembra Barale (1989) ao mencionar as micro histórias à espera de pensabilidade, ou seja, outras possibilidades de sentido barradas pela história dominante e presentes como potencialidade não saturada do mundo interno). Claro, durante a sessão a História(11) passa a interagir com a Relação: assim como respeitamos as cisões de um paciente, também respeitamos seus deslocamentos no tempo, sempre sabendo que existem apenas sentimentos do presente e que só esses é possível conhecer como tantas vezes assinala Bion. Ao mesmo tempo, acredito que os "escudos térmicos" das cisões e do tempo devem ser respeitados, em sua qualidade de penhor do universo afetivo do paciente (e do analista). Caso renunciássemos a eles ver-nos íamos na situação seja de dois núcleos sincréticos e incomunicáveis, seja na indistinção de um sincício.

Eu gostaria de concluir com uma vinheta que a meu ver resume muitos desses aspectos. Uma pessoa que fez da perversão seu estilo de vida solicita uma consulta. Ouvindo o que ela fala, o analista experimenta um sentimento de desespero, não sabe o que dizer diante da história de vida da pessoa que o consulta... Prostituta de luxo... Por anos a fio, foi sustentada por alguns homens, depois se casou com um deles... Desde então, vive aterrorizada com a idéia de que ele possa ter se casado com ela por interesse... Para roubar-lhe o dinheiro que guardou com tanto cuidado, com tantas economias... O analista sente-se cada vez mais desesperado, não sabe como tomar o que lhe é dito, pensa que deve "mudar sua maneira de ver" diante da idéia que, visto que existe uma solicitação, seria possível tentar uma análise. Gradualmente a possível paciente vai acrescentando que não sabe, se deve consentir que o marido faça "o reconhecimento" do filho dela: teme que o menino possa afeiçoar-se e depois ficar decepcionado... Ele é pão duro... mesquinho... obriga a a pagar aluguel... O analista resolve deixar de lado todas as possíveis implicações e movimentos transferenciais do aqui e agora e procura dar "reconhecimento" à parte menina. Faz uma tentativa utilizando personagens retirados do Mickey Mouse: tio Patinhas para a avareza, o pato Donald para as tristes vicissitudes, os irmãos Metralha para os tão temidos furtos. A paciente (agora já podemos chamá-la assim) fica atônita por um momento, diz que "não vê bem com um dos olhos", que na realidade deveria fazer uma cirurgia muito cara naquele olho; que às vezes lhe passa pela cabeça que o homem com quem se casou não é o canalha que em geral pensa que é: uma vez, lembra-se, ele tomou o, filho dela pela mão, montou o num põnei e levou-o a visitar toda a sua fértil fazenda fazenda que, se ela permitir que ele reconheça o menino, poderá um dia ficar sendo dele. Desnecessário ir mais longe: o "reconhecimento do menino" aciona uma grande esperança e a interpretação utilizando Mickey Mouse permite que se apresentem (que se estruturam) uma fazenda, um põnei, fertilidade todas coisas que nos remetem à possibilidade de efetuar um encontro e trabalhar juntos; além disso, essa abordagem permite que o analista reconheça o desespero que sentiu no início e sua noção de que seria preciso "mudar seu modo de ver" como uma assunção bem sucedida das identificações projetivas provenientes da paciente. Ao mesmo tempo, a "história" narrada pela paciente é preservada, sem lacerações ou decodificações. Mas essa é uma história que passa a ser uma história pertencente às duas mentes juntas e a seu encontro. É uma história específica do par, veiculada, sem dúvida, pela repetição e pela projeção para o exterior de fantasias, mas, antes de mais nada, ela é veiculada pela identificação projetiva. Porque no fundo o que nos interessa é a história não sabida, a história que não pode ser narrada diretamente por imagens, a

história de acontecimentos psíquicos tão primitivos e às vezes tão catastróficos que eles estão constantemente em um "outro lugar".

Isso se aplica também ao desespero que aparentemente ativou a rêverie sobre Mickey Mouse, como resposta, por meio de uma "história" (Meltzer e Harris, 1978), ao desespero de uma criança considerada morta vítima das perversões e cujos vínculos, vistos como atóxicos, estavam, ao contrário, prontos para viver, bastando para tanto encontrar uma resposta aquela evocada pelo trânsito de um afeto.

Summary

The author describes how in the here and now of the analytic relationship microstories are constructed, the genuine expression of the couple's mental functioning in analysis. Following a brief review of narratological theories concerning the character, the author turns to the statute of the character according to several analytical models, drawing particular attention to the view which considers the character in the session as an "affective hologram" of the couple. The article concludes with a brief discussion of the importance of the Story as it is constructed together with the patient.

Referências

- ARLOW, J. A. (1985). The Structural Hypothesis. In Models of the Mind, A. Rothstein (ed.), Their Relationships to Clinical Work. International University Press, Madison Connecticut.
- BARALE, F. (1990). Riflessioni a partire dal Mosè. Riv. Psicoanal. 36, 897-921.
- BARALE, F. & FERRO, A. (1987). Sofferenza mentale dell'analista e sogni di contratransfert. Riv. Psicoanal. 33, 219-233.
- BARALE, F.; FERRO, A. (1992). Negative Therapeutic Reactions and Microfractures in Analytic Communications. Meeting at a Crossroad. L. Nissim Momigliano, A. Robutti (eds.). Londres: Karnak Books.
- BARANGER, M. E. W. (1961-62). La situación analítica como campo dinámico. In Problemas del campo psicoanalítico. Buenos Aires: Kargieman.
- (1964). El insight en la situación analítica. In Problemas del campo psicoanalítico. Buenos Aires: Kargieman.
- BARANGER, M.; BARANGER, W. & MOM, J. (1963). Proceso and Non Process in Analytic Work. Int. J. Psycho Anal. 164: 1-15.
- BEZOARI, M.; FERRO, A.; (1989). Ascolto, interpretazioni e funzioni transformative nel dialogo analitico. Riv. Psicoanal. 35, 1015-1051.
- (1990). Parole, immagini, affetti. L'avventura del senso nell'incontro analitico. In In due dietro il lettino. G. Bartoli (ed.). TEDA, Castrovillari.
- (1990). Percorsi nel campo bipersonale dell'analisi: dal gioco delle parti alle trasformazioni di coppia. Riv. Psicoanal. 37, 1-47.
- BION, W. R. (1962). Learning from Experience. Londres: Heinemann.
- (1967). Second Thoughts. Londres: Heinemann.
- (1983). Bion in Rome. Abingdon: Fleetwood Press.
- (1987). Clinical Seminars and Four Papers. Abingdon: Fleetwood Press.
- BREMOND, C. (1973). Logique du récit. Paris: Seuil.
- CORRAO, F. (1986). Il concetto di campo come modello teorico. Grupo e Funzione Analítica 7, 921.
- (1987). Il narrativo come categoria psicoanalítica. In Psicoanalisi e narrazione. E. Morpurgo, V. Egidì (ed.). Ancona: Il lavoro editoriale.
- COSTA, A. (1990). Controtransfert e campo affettivo dell'analista. Lido no IX Congresso da Sociedade Psicanalítica Italiana, Saint Vincent, maio de 1990.
- DENISJUK, Y. N. (1979). Holografia. In Enciclopedia Europea. Milão: Garzanti.
- DI CHIARA, G. (1983). La fiaba della mano verde o dell'identificazione proiettiva. Riv. Psicoanal. 29, 459-475.
- (1989). Mincontro, il racconto, il commiato: tre fattori fondamentali della esperienza analitica. Lido no Centro Milanês de Psicanálise. Meeting at a Crossroad. L. Nissim Momigliano, A. Robutti (eds.). Londres: Karnak Books.
- DI CHIARA, G.; BOGANI, A.; BRAVI, G.; ROBUTTI, A.; VIOLA, M.; ZANETTE, M.; (1985). Preconcezione edipica e funzione psicoanalítica della mente. Riv. Psicoanal. 31, 327-341.
- ECO, U. (1962). Opera aperta. Forma e indeterminazione nelle poetiche contemporanee. Milão: Bompiani.
- (1979). Lector in fabula. Milão: Bompiani.
- (1990). Limiti della interpretazione. Milão: Bompiani.
- FERRO, A. (1987). Il mondo alla roveschia: l'inversione di flusso delle identificazioni proiettive. Riv. Psicoanal. 33, 59-77.
- (1991). From Raging Bull to Theseus: the Long Path of a Transformation. Int. J. PsychoAnal. 72, 417-425.
- GABURRI, E. (1987). Dal gemello immaginario al compagno segreto. Riv. Psicoanal. 32, 509-620.
- GABURRI, E.; FERRO, A. (1987). Narrazione e interpretazione. In Psicoanalisi e narrazione. E. Morpurgo, V. Egidì (ed.). Ancona: Il lavoro editoriale.
- (1988). Gli sviluppi kleiniani e Bion. In A. Semi (ed.), Trattato di Psicoanalisi. Milão: Cortina.
- GREIMAS A. (1966). Semantique structurale. Paris: Larousse.
- (1983). Du sens. 11. Paris: Seuil.
- HAMON, P. (1972). Pour un statut sémiologique du personnage. Littérature 6, 12-74.
- LEONARDI, P. (1987). Pensiero, specificità degli oggetti e onniscienza. Riv. Psicoanal. 33, 321-330.
- MANFREDI TURILLAZZI, S. (1986J). L'unicorno. Saggio sulla fantasia e l'oggetto nel concetto di identificazione proiettiva. Riv. Psicoanal. 31, 462-477.
- MELTZER, D. (1982). Una indagine sulle bugie: loro genesi e relazione con l'allucinazione. Quaderni Psicoterap. Infant. 13, 187-196.
- MELTZER, D.; HARRIS, M. (1978). Presentazioni di casi clinici. Quaderni Psicoterap. Infant. 1.
- MEOTTI, A. (1991). Comunicação pessoal.
- MILLER, A. (1981). Il bambino inascoltato. Turim: Boringhieri, 1989.
- MICHELE, S. (1988). The Intrapysic and Interpersonal: Different Theories, Different Domains, or Historical Artifacts. Psychoanalytic Inquiry 8, 472-495.
- NISSIM MOMIGLIANO, L. (1984). Due persone che parlano in una stanza: una ricerca sul dialogo analitico. Riv. Psicoanal. 30, 1-17.
- (1990). The Psychoanalyst in the Mirror: Doubts Galore but Few Certainties. Int. J. PsychoAnal. 72, 287-296.
- OGDEN, T. H. (1979). On Projective Identification. Int. J. Psycho Anal. 60, 357-373.
- PETRELLA, F. (1985). La mente come teatro. Turim: Centro Scientifico Torinese.
- PIERLOOT, R. A. (1987). The Analysand as a Character in Search of an Author. Int. Rev. PsychoAnal. 14, 2210330.

PROPP, V. (1928). Morfologija skarki. Leningrado: Academia. Morfologia della fiaba. Turim: Einaudi, 1966.
ROBUTTI, A. (1990). Cassandra: un mito per l'ipocondria. In In due dietro il lettino. G. Bartoli (ed.). TEDA, Castrovillari.
ROTHSTEIN, A. (ed) (1985). Models of the Mind; Their Relationships to Clinical Work. International University Press. Connecticut: Madison.
SEGAL, H. (1985). The Klein Bion Model. In Models of the Mind. A. Rothstein (ed.). Their Relationships to Clinical Work. International University Press, Connecticut: Madison.
SKLOVSKIJ, V. (1925). O teorij prozy. Moscou: Sovetskij Pisatel. Teoria della prosa. Turim: Einaudi, 1976.
TODOROV, T. (1965). Theorie de la littérature. Textes des formalistes russes. Paris: Seuil. (1971). Poétique de la prose. Paris: Seuil. (1975). La lecture comme construction. Paris: Seuil.
TOMASEVSKIJ, B. (1928). Teorija Literaturny. Leningrado: Poetike. Teoria della letteratura poetica. Milão: 11 Saggi atore, 1978.
TYNIAV, J. (1924). Problema stichotvornogo jazyka. Leningrado: Poetike. Il problema del linguaggio poetico. Milão: R Saggiatore, 1968.
VALLINO MACCIO, D. (1990). Sulla consultazione: atmosfere emotive, Sofferenza e sollievo nel bambino. Analysis 1, 325 335.
VATTIMO, G.; ROVATTI P. (ed.) (1983). Il pensiero debole. Milão: Feltrinelli.
WINNICOTT, D. (1971). Playing and Reality. Londres: Tavistock.

Tradução de **Heloisa Jahn**

Antonino Ferro

Via Cardano, 77
27-100 Pavia - Itália

© Gentilmente cedido pelo autor para publicação na Revista de Psicanálise SPPA.

* Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana.

1. Referência histórica.
2. Narração visual/afetiva.
3. Uma paciente manifestava da seguinte maneira sua percepção das rêveries do analista: "Uma menina me contou que sempre que tem um problema fala sobre ele com o pai, que sonha com o problema e depois a ajuda a resolvê-lo utilizando os personagens de seu sonho".
4. Do paciente e do analista.
5. No sentido de respeito ao texto narrativo do paciente, entendido não como algo de onde extrair um significado, mas como algo com o que interagir na construção de um sentido partilhado.
6. A palavra italiana *culo* também é usada como expressão depreciativa para homens homossexuais.
7. Pertencem ao primeiro grupo todos os estudos romântico-idealistas pré-semióticos. Quanto ao segundo grupo, para mim ele tem início com os formalistas russos (Tynianov, 1924; Sklovskij, 1925; Tomasevskij, 1928, etc.), que rejeitam a conceitualização precedente, interessados que estão nos procedimentos literários, pregando, de diferentes maneiras e com diversos níveis de abrangência, a subordinação do personagem à trama. Nesse grupo incluem-se Propp (1928), com seu interesse pela tipologia do conto de fadas; Bremond (1973), que estrutura um código dos papéis e das ações; Greimas (1966/1983), com seu conceito de atuante como sendo uma categoria de atores, e, decorrentemente, de personagens; e o primeiro Todorov estruturalista (1965). No interior do terceiro grupo há uma oscilação entre posições desconstrutivistas defensoras de uma semiótica ilimitada, de uma deriva infinita de sentido, e posições que, mesmo reconhecendo que a leitura de um texto é "potencialmente sem fim", reconhecem que há interpretações desses textos que são "claramente inaceitáveis": os limites da interpretação coincidem com os "critérios econômicos" de leitura (Eco, 1990).
8. Evidentemente, uma comparação entre situações de tal modo diversas é um artifício; e isso devido à peculiaridade da situação analítica, caracterizada pela presença simultânea de dois textos vivos, que interagem continuamente entre si, transformando-se.
9. Holograma, holografia: técnica óptica que, mediante a utilização de focos luminosos coerentes, permite tanto o registro fotográfico tridimensional de um objeto numa única chapa como a subsequente reconstrução, sempre tridimensional, do objeto propriamente dito. A aplicação de perspectivas adicionais tem o objetivo de contribuir para a criação de um cinema holográfico tridimensional: o resultado seria uma situação que produz uma ilusão completa da cena representada, com todos os efeitos inerentes a uma presença efetiva dos objetos (Denisjuk, 1979).
10. No sentido de que só o paciente pode indicar nos continuamente onde estamos e para onde estamos indo, só ele pode ajudar nos a desbloquear "os bastiões" (Baranger, 1961/62) e dar nos ciência da contratransferência através da apresentação de tudo quanto ocorre com o par, indicando o ponto, como faz o companheiro secreto (do livro de Conrad) ao agitar o chapéu (Gaburri, 1987).
11. Como exemplo dos diferentes papéis que uma recordação pode ocupar na História, citemos um exemplo clínico oferecido por A. Miller (1981) a respeito de pacientes que faziam irrupção na vida privada de seus analistas com telefonemas noturnos contínuos e irrefreáveis. Mais que chamar a atenção do paciente para sua dificuldade de tolerar a frustração até a sessão seguinte de análise, ou outros defeitos (modelo estrutural), a autora aponta a utilidade de ser capaz de discernir, no comportamento desses pacientes, a encenação ativa de um destino trazido pelos pais e vivido passivamente. Em apoio a esse ponto de vista, lembra como, depois de uma interpretação desse tipo, uma de suas pacientes verbalizou a antiga recordação traumática: seu pai, um artista de sucesso, costumava voltar para casa tarde da noite, quando a filha já estava dormindo; gostava de tirá-la da cama, fazer com ela todo tipo de brincadeira deliciosa e excitante até que, ao sentir sono, recolocava a menina na cama para que voltasse a dormir. Ora: pergunto-me por que não inverter o ângulo de escuta e repensar essa cena como uma descrição pontual, do ponto de vista atual da paciente, da forma como ela vive a hora de análise e do funcionamento das duas mentes na sessão? Por que não vê-la como uma descrição do modo como é vivenciado um analista que chega tarde e faz coisas muito excitantes, um analista vivenciado como alguém que tem necessidade de efetuar uma descarga, um analista que, depois de ter despertado a menina paciente, deixa a novamente só e desaparecida? Porque não extrair ensinamentos úteis no presente, sobre a forma de aproximar-se da paciente, sobre a forma de interpretar, para obter um efeito diferente, mesmo supondo que o efeito tão excitante desse analista pudesse decorrer justamente da própria disponibilidade do analista para assumir as identificações projetivas da paciente, que lhe dão aquelas características? Características essas que seria necessário repensar e transformar no *working through* do analista, para que se pudesse escrever uma história nova e diferente.